



COINTER PDVAgro 2023

VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Edição Presencial Recife (PE) | 29, 30 de nov a 1 de dez

ISSN: 2526-7701 | PREFIXO DOI: 10.31692/2526-7701

AVALIAÇÃO DA FEIRA AGROECOLÓGICA EM GRAVATÁ – PE: UM OLHAR DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS

EVALUACIÓN DE LA FERIA AGROECOLÓGICA DE GRAVATÁ – PE: UNA MIRADA DESDE LAS FAMILIAS AGRICULTORAS

EVALUATION OF THE AGROECOLOGICAL FAIR IN GRAVATÁ – PE: A LOOK FROM FARMING FAMILIES

Apresentação: Pôster

Tiago Edvaldo Santos Silva ¹; Jefferson da Silva Lopes²; Elisângela de Freitas Mariano³; Gizélia Barbosa Ferreira⁴; Denes Dantas Viera⁵

INTRODUÇÃO

As famílias agricultoras agroecológicas de Gravatá fornecem alimentos por meio das feiras agroecológicas, Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs) e vendas por meio de aplicativos de mensagens, na Internet. No entanto, não dispõem de ferramentas ou rotina de sistematização que lhes assessoram na análise das vantagens de cada um, nem estabelecer um comparativo entre eles, em termos de rendimento, desprendimento de energias e ganhos.

Por outro lado, um material com descrição minuciosa e analítica das estratégias de comercialização, servirá de apoio às instituições acadêmicas, de pesquisa e de extensão rural, para o necessário incremento dessa discussão na formação de técnicos extensionistas. Organizações Não Governamentais - ONGs que já atuam na região com Extensão Rural Agroecológica, poderão avaliar, de forma crítica, tais estratégias e, a partir dessas experiências, desenvolver formações para outras famílias agricultoras. Poderão ainda, baseados na realidade encontrada, planejar de forma mais fiel às demandas das famílias, e suas práticas de intervenção.

Nesse sentido, esse trabalho procura estabelecer pontos de reflexão para que tais famílias agricultoras agroecológicas e, tantas outras, possam planejar sua comercialização de maneira mais racional e com retornos efetivos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

¹ Professor, IFAM – Campus São Gabriel da Cachoeira, tiago.edvaldo@ifa.edu.br;

² Dourorando, 2Universidade Federal da Paraíba, jsljefferson@hotmail.com

³ Técnica em Agropecuária, 3Universidade Federal Rural de Pernambuco, elisangela.mariano@ufrpe.br

⁴ Doutora, Instituto Federal de Educação de Pernambuco, gizelia.ferreira@ifpe.edu.br

⁵ Doutor, Univasf, denes.vieira@univasf.edu.br

Produzir e consumir localmente, é uma das saídas para diminuir o desperdício e uso de recursos energéticos em torno da cadeia de alimentos em nossa sociedade. Ainda mais, se essas trocas forem realizadas sob um princípio de justiça e responsabilidade humana entre as duas partes. Dupuis e Goodman (2012), ressaltam, que determinadas estratégias de mercado, ainda que locais, podem conter práticas profundamente injustas e conservadoras, as quais acentuam a desigualdade social.

De acordo com Niederle (2018), o que assegura as práticas em uma ordem cívica não é, portanto, o local onde elas se desenvolvem, mas os princípios que as orientam e, pragmaticamente, os efeitos que produzem em termos de justiça social e ambiental. São aspectos que podem estar presentes nos modelos produtivos e de comercialização assumidos por agricultores ou ainda por consumidores, como aborda Preiss (2017), enfatizando que há pessoas que procuram consumir produtos “limpos”, sem estar preocupados com as questões em torno de sua produção e desafios da comercialização.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado com famílias agricultoras integrantes da Associação AmaTerra, no município de Gravatá, e também com famílias consumidoras desses alimentos, durante os meses de novembro e dezembro do ano de 2022. Gravatá é um município do agreste do Estado de Pernambuco – Brasil, com uma população estimada em 85 mil habitantes, está a uma altitude de 447 metros e distante 84 km da capital Recife.

Participaram da pesquisa 3 (três) famílias agricultoras, com as quais foram desenvolvidas, separadamente, a ferramenta matriz FOFA, de acordo com Verdejo (2006), como forma de sistematizar as fortalezas, oportunidades, fraquezas e ameaças, relacionadas às estratégias de comercialização estudadas. O projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil e referendado pelo comitê de ética da Faculdade Pernambucana de Saúde. A fim de garantir o devido sigilo de identidade das pessoas participantes, foram utilizados nomes fictícios para os agricultores entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do desenvolvimento da matriz FOFA com as 3 representações da agricultura agroecológica de Gravatá, foram sistematizadas as informações constantes no quadro 1.



Uma informação importante para leitura do contexto, é que durante o desenvolvimento deste trabalho houve diminuição do número de bancas de feira no Espaço Agroecológico de Gravatá, de três para apenas uma. Corroborando com a informação constante no item *ameaças*, da matriz Fofa (Quadro 1), o fator dos rendimentos econômicos provocou que três famílias deixassem a produção orgânica à procura de uma atividade que garanta a renda da família, migrando para a produção de flores com uso intensivo de agrotóxicos.

Quadro 1: Matriz FOFA.

Fortalezas	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none"> ● As trocas, possibilitadas pelos encontros nas feiras, para partilhar as histórias, conhecer mais de perto e criar laços. ● Na feira a gente consegue desmistificar a coisa da falta de informação, como o fato de uma verdura ser grande não é porque deixa de ser orgânico. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Desenvolver uma ferramenta que tivesse a lógica de estoque, caixa; ● A propriedade como potencial para o desenvolvimento de atividades educativas (vivências, recebimento de escolas) para a Agroecologia.
Fraquezas	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> ● Falta de planejamento da produção com diminuição da variedade ofertada; ● Proibição de estacionamento próximo a feira, diminuindo o fluxo. 	<ul style="list-style-type: none"> ● A diminuição no volume de vendas/ganho econômico torna a feira inviável para o agricultor; ● Falta de apoio da associação; ● Apoio das autoridades municipais;

Fonte: própria.

Em um município com 85 mil habitantes e com a circulação de turistas dos finais de semana, se torna uma demanda imperativa a mobilização de ações que melhorem a integração entre as famílias do campo que produzem os alimentos, e as famílias da cidade, que os consomem.

Em movimento contrário ao que vem ocorrendo na cidade de Gravatá, no Estado de Santa Catarina, está havendo uma proliferação de dinâmicas de abastecimento e tendências alimentares que tem buscado repensar a produção, o consumo e o comércio de alimentos de forma mais inclusiva, economicamente justa e ambientalmente sustentável. Entre os diferentes tipos de fornecimento direto de alimentos (feiras, entregas em domicílio, compras na propriedade, experiências de “colha e pague” ou coletivos de compras). Se destacando as dinâmicas de abastecimento organizadas de forma coletiva entre agricultores e consumidores,



onde os consumidores têm um papel proeminente, dedicando tempo e trabalho para sua emergência e manutenção (PREISS, 2017).

Observa-se que é justamente o fato de as famílias fazerem parte também de uma CSA, uma modalidade que assegura uma melhor garantia à permanência da família agricultora, que tem sustentado as três famílias resistentes no Espaço Agroecológico de Gravatá. Uma vez que apenas o volume de vendas, bem como a instabilidade das vendas na feira, não são suficientes para assegurar a dignidade de uma família trabalhadora. Evidenciando-se a importância de se mesclar alternativas distintas para cada família destinar seus alimentos produzidos. O que não isenta tal trabalhadores, de um desprendimento de energia ainda maior, ao acumular estratégias distintas de comercialização.

A CSA, como projeto de compra direta de famílias agricultoras que tem promovido prosperidade e conforto à famílias do campo, organizadas nacionalmente pela rede CSA Brasil, criada em 2014, como uma associação sem fins lucrativos, tem ajudado na criação de novos projetos de CSA, bem como solidificar os projetos já existentes. Na época faziam parte desta rede apenas cinco projetos em todo o país, atualmente o registro é de cento e trinta e seis (136) experiências para todo o país demonstrando um crescimento impressionante no número de grupos (CSA BRASIL, 2023).

São discussões que estão alinhadas com a Economia Solidária: uma alternativa de organização da produção, do consumo, do comércio, das finanças, da comunicação e da educação. A fim de que as necessidades materiais e imateriais das pessoas sejam tratadas individual e coletivamente de forma justa, fraterna e sustentável. Os princípios da Economia Solidária se coadunam aos da CSA e aos da Agroecologia, por promover a emancipação socioeconômica de mulheres e homens, da segurança alimentar e do respeito aos ciclos naturais de reposição - e finitude - dos componentes da natureza (TIRBUTINO et al, 2006).

CONCLUSÕES

No cerne dos desafios que as realidades estudadas explicitam, encontrasse a ameaça da descontinuidade das atividades da produção de alimentos de base ecológica, pela dificuldade das famílias agricultoras comercializarem o que cultivam e se manterem, com dignidade neste trabalho. São sintomas da desconexão dos sujeitos com o sistema agroalimentar, e de todas as



questões inerentes a ele, como a proteção das florestas e nascentes, a necessidade de reforma agrária, a extinção de espécies, as más condições de trabalho e de vida das pessoas que plantam o que comemos.

Para enfrentar esse cenário, tal trabalho sugere aprofundamento de pesquisas para a ampliação da compreensão dos aspectos econômicos das atividades rurais e estratégias de comercialização das agriculturas de base ecológica. Bem como, sugere também investimento técnico-científico na elaboração e desenvolvimento de plataformas de comercialização de alimentos de base ecológica.

REFERÊNCIAS

BALEM, T. A.; SCHMELIG, G. dos S. Compra de produtos agroecológicos: a entrega de cestas como prática de mercado de circuito curto. Disponível em: <<http://icongresso.itarget.com.br/tra/arquivos/ser.7/1/7908.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2021.

CSA BRASIL - comunidade que sustenta a agricultura. Onde está o CSA?. [S.l.], 2023. Disponível em: <<http://www.csabrasil.org/csa/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

GOODMAN, D.; DUPUIS, E.M.; GOODMAN, M. Alternative food networks: knowledge, practice and politics. London: Routledge, 2012.

PREISS, et al. in SANTOS, R. P.; POCHMANN, M. Brasil pós-pandemia: reflexões e propostas. Alexa Cultural: São Paulo, 2020, 235 a 260.

NIEDERLE, P. A.; WESZ JUNIOR, V. J.. As novas ordens alimentares. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

SOGLIO, F. K. D. Princípios e aplicações da pesquisa participativa em agroecologia. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/9361>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

TIRBUTINO et al, A Experiência da CSA - Comunidade que Sustenta a Agricultura como Fator Promotor de Desenvolvimento Local - Revisão. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/2115/2130>

VERDEJO, M. E. Diagnóstico rural participativo: um guia prático. Brasília: ASCAR, 2006.

